

Longe demais das capitais



por
Marcos Carvalho Lopes



Longe demais das capitais

Toda Forma de poder	3
Segurança	8
Eu ligo pra Você	12
Nossas Vidas	14
Fé nenhuma	17
Beijos Pra Torcida	20
Todo Mundo é uma Ilha	21
Longe Demais das Capitais	25
<i>Sweet</i> Begônia	26
Nada a ver	28
Crônica	29
Sopa de Letrinhas	31

Toda forma de poder

... e ainda essa porra de greve agora na Faculdade. Não é que eu não saiba dos salários baixos dos professores, da situação do ensino e o escambau. É que não é você que tem 17 anos e vive nessa cidade que fica perto de coisa alguma, onde no fim de semana não há nada pra se fazer além de medir as distâncias entre as esquinas contando os passos de madrugada.

Tudo bem. O problema é comigo. Mas não entendo mesmo. Hoje vi o tal do chefe do departamento dando entrevista na tevê. Ele mal conseguia disfarçar seu prazer com a mídia. Provavelmente deve ter contado pra toda sua família, que reunida aplaudiu seu engajamento pelo bem comum. Ainda bem que nenhum desses jornalistas teve que assistir uma de suas aulas. É um daqueles doutores que se tornaram ermitões por conta da Ditadura e agora voltaram com tudo. Esteve na luta armada parece. Uma coisa que não deixa de me impressionar. Se os generais dessem pra trás com a abertura política, será que teria coragem de pegar em armas pra

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

lutar? Essa coisa de Ditadura é uma sombra esquisita e não consigo entender muito desse jogo de política. Ainda mais que o costume ainda é totalitário. A ideia é tomar o poder para salvar o povo! Acordar as massas adormecidas! Formar a consciência de cidadania! Enfim, se não concordamos com esse discurso é porque temos deficiência de formação, distorção burguesa, niilismo pós-moderno, ideologia reacionária... um pé no saco. Até tentei frequentar o encontro do pessoal do partido, mas não entendi a distinção que faziam entre companheiros e camaradas, e quando perguntei sobre a diferença entre o totalitarismo de Fidel e Pinochet, já viu né! Neguinho queria sair na porrada.

Tentei prestar atenção no que eles diziam, mas parece que não conseguiam olhar para a paisagem em torno deles e o que falavam me parecia vazio. O discurso da mãe URSS e da mais-valia... e sobre as minhas espinhas nada! Nem pensavam que a coisa aqui podia ser diferente, que repetir o que os outros dizem sem questionar é cair em conversa fiada. Parece que reivindicam o impossível, pra manter o mesmo discurso.

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

Ou tu concordas comigo, ou o que diz é absurdo! Absurdo é essa coisa toda!

O tal do diretor da faculdade era um desses ortodoxos. Se escrevesse algo sobre Roberto Venturi na prova dele era zero. E reivindicava o aval de um filósofo alemão chamado Jürgen Habermas, que teria escrito um artigo irrefutável que fechava a questão: a pós-modernidade era o mal! É claro que não tínhamos acesso ao artigo, ou melhor, a coisa tava em alemão. Então era como uma Revelação que ele pregava, como um Profeta para a qual ninguém poderia ter dúvidas. Queria que os alunos fossem como ovelhas: “meek and obedient you follow the leader”. Questão de fé, afinal.

Nisso eu gostava mais da outra ala de professores. Um pessoal mais novo que tinha mais foco no mercado (afinal, estávamos nos formando para que?). Eram os frívolos pós-modernos que não tinham essa pompa toda. Ali na Faculdade esses professores eram a minoria oprimida. E nesse caso eu estava com a minoria que podia ser taxada de alienada.

Parece que o pessoal estava saudosos do golpe militar e justificavam sua violência pela violência que haviam sofrido. Talvez fosse

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

mesmo isso o mais justo. Mas esse sonho de provocar a revolução pela força me parece uma grande bobagem. Não vejo argumentos para justificar um “ato heroico” que mata gente inocente em nome de causas maiores. Quem tem o direito de matar o outro? Onde essa luta por poder nos leva?

Na verdade a questão nem se coloca pra mim. O buraco é mais embaixo, ou melhor, sou eu que estou dentro dele. O tal do diretor do Departamento foi revolucionário naquela época e agora comandava a greve, cheio de *slogans* e certezas. As mesmas certezas que faziam dele um professor com um pé no século XIX. Um modernista inveterado que não conseguia enxergar o fracasso de Brasília e da tentativa dos arquitetos de comandar e definir o que seria uma boa vida. Puta que pariu, isso é um pé no saco!

Você planeja uma cidade sem esquinas, sem desigualdade, mas não pensa nas pessoas que irão construir ela. O resultado era essa coisa que chamam Brasília. Na teoria uma perfeição, que não suportou um pouquinho de luz do sol. Se eu pegar o papel agora pra desenhar sei bem o que vai ser esse ideal: o rosto da Ana. Ao invés de planejar uma

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

cidade perfeita, o que me interessa é conquistar aquela guria. Poxa, conquistar! Ta aí minha luta por poder! Mas deixa assim. Se realmente começasse uma revolução, ou uma guerra nuclear, ou uma peste devastadora, ou se essa menina ligasse pra mim de repente, de bobeira nesta tarde, um sábado de tédio... eu ia esquecer todos os meus planos, todas as teorias. Ia ter que inventar o que fazer e improvisar minha própria vida neste aqui e agora. É difícil esquecer ou entender o que eu to dizendo? Faz o que tu quiseres então... vou perder as férias mesmo.

Segurança

Tá bom, não vou ficar aqui em casa entediado desenhando a guria como se ela não morasse tão perto. A Ana é a menina mais bonita da turma e de vez em quando a gente até troca umas idéias. Mas ela nem suspeita que gosto dela. Acho que eu mesmo não sabia disso até pouco tempo atrás. Foi o Alberto que sacou pelo jeito que eu falava dela. Me deu os pêsames rindo, dizendo que era uma causa perdida. Pro Alberto o máximo que a Ana poderia fazer por mim seria mudar meu gosto pelo rock progressivo: iria me reduzir a um autoindulgente fã de boleros. Pro Alberto, no amor todos somos iguais. Enfim, ele não conhece a Ana.

Liguei pro cara e a gente marcou de se encontrar num bar que era meio periférico, mas que a galera da Faculdade adorava. Era uma espécie de revolução pelos butecos: escolhiam um lugar decadente e o tornavam *point*. Quando ele ficava manjado demais o jeito era buscar outro lugar.

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

O Alberto era meu colega na facu. Diferentemente de mim, ele bebia e fumava. Tinha 23 e já havia morado no exterior, viajado pela Europa, o que fez com que ficasse um pouco atrasado nos estudos. Mas sempre tirava onda com sua “experiência” de vida e acabava chamando atenção mesmo pelos cabelos compridos. Ele me encorajava, na verdade me desafiava a fazer coisas que sozinho não faria. Sair da jaula. Me chamava sempre pra sair no fim de semana e quando eu ficava reticente traduzia meu silêncio como um sim e me arrastava. Ele foi o primeiro cara a achar minhas canções legais. Por conta da música a gente se aproximou e começamos a inventar planos de montar uma banda de rock. Planos secretos que não levávamos a sério, mas nos uniam na definição de simpatias e antipatias musicais. Nós desviávamos da onda *punk*, *new wave* e abraçávamos o velho e bom rock progressivo. Além de não descartar o iê-iê-iê, Bob Dylan, Zé Ramalho e os Beatles.

A Ana foi o motivo que me fez pela primeira vez ligar para o Alberto no fim de semana. Acho que a Ana e a greve talvez. Fomos pra *Tocaia* e nós sentamos numa mesa na calçada, onde dava pra ver os carros

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

passando (e também sermos vistos). Quando um amigo que passava de carro nos reconhecia, rolava um cumprimento de sobrançelha ou, pela madrugada, buzinavam. Nada muito lógico ou fixo. Eu pedi um guaraná, mas bebia cerveja com o Alberto. O refrigerante era só pra garantir mesmo, afinal sou um bom rapaz.

O Alberto tava meio calado. Na verdade, eu era quem estava falando muito e também bebendo mais do que o costume. O assunto era a Ana, o motivo era a Ana. O Alberto ficara rindo de mim e dava corda. Até que vi a guria passando no banco de carona do carro de um *playboy* da engenharia. O som do carro a toda altura, o cara não era punk mas desfilava ouvindo *Sex Pistols!* Ela me viu. Acho que me cumprimentou com o famoso gesto de sobrançelha. O Alberto viu também, mas não disse nada. Acho que guardou comigo um minuto de silêncio. Depois caiu na gargalhada, pediu outra cerveja e me saudou: “Seja bem vindo à madrugada”.

Eu tentei evitar o assunto, enquanto ele ironicamente buscava introduzir no papo palavras que terminassem em “ana”, sacana, banana, bacana etc., pra medir minha reação e continuar dando risada. Eu bebia mais um

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

pouco e ia de quando em quando ao banheiro. Depois de cada uma dessas mijadas, me achava revigorado e acabava retomando o assunto, mas destratando a dita cuja e o *playboy* da engenharia. Ele tinha carro, casa própria, usava roupas cheias de etiquetas famosas, quando não aparecia com bermudas de surfista na faculdade (apesar de estarmos muito longe de qualquer praia). Idiota, engenheiro do Hawaïi! Apesar disso comia todas as meninas da Faculdade. O pessoal da Engenharia se aproveita mesmo dos cursos onde tem pouco homem e muita mulher. Eu e o Alberto queríamos fundar um movimento em favor da minoria hetero da arquitetura. Mas, vamos lá, o que que a Ana queria com aquele sujeito rico e mimado? Ele iria a usar e jogar fora. Seria mais um produto, mais uma coisa que iria ter e descartar. Tava nesse discurso indulgente quando o Alberto disse que minha virgem imaginária havia rançado, se eu quisesse comer o queijo agora seria usado. Eu, todo orgulhoso, dizia que não: “Essa guria dançou”.

Eu ligo pra Você

Cheguei em casa bêbado, bem tarde. Não sei mesmo que horas eram. Liguei a televisão, mas não conseguia me concentrar. Filmes ruins na madrugada. Sexo e caratê, a bola da vez. Muito vale um peito de mulher nua na madrugada, mas não naquela noite. A Ana aparecia e acenava como a mocinha do filme. Mudava de canal e novamente o rosto de uma apresentadora me lembrava àquela guria. Era uma perseguição e eu não queria perder. Onde ela estaria agora?

Me peguei cogitando que talvez o *playboy* desaparecesse num acidente de carro, um acidente laico, o suicídio de um idiota bêbado em seu brinquedo de muitos cavalos. A Ana iria surgir chorando e eu correndo iria a consolar. Mais que nada. Nenhuma notícia. Comecei a achar que a Verdade estava mesmo nos comerciais: tinha que ganhar dinheiro pra jogar aquele jogo. Fiquei ligado de que estava reduzindo a vida a um sonho colorido. Haviam “outros canais”. Tentava ler as imagens da tela como se fossem um

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

oráculo, um enigma que traria escondido o sentido da minha vida.

Nesse surto fiquei preocupado com a guria. Me punindo pelos pensamentos maus. E se ela se acidentasse? Precisava ouvir sua voz. Precisava dela. Liguei pra sua casa na mesma hora. Depois de muito tempo uma voz assustada atendeu. Voz de quem estava dormindo. A voz do pai da Ana. Desliguei. Depois de uns 15 minutos tentei de novo, achando que agora ela iria atender. Seu pai atendeu já xingando. O Seu Umberto é bravo!

Nossas Vidas

Já sacou meu gosto pelo clichê? E não iria mesmo perder essa oportunidade. É que é repetição quando é com a vida dos outros. No fim estamos na mesma merda, chafurdando. E eu com essa oportunidade de amor desiludido ficava com toda a imaginação que a melancolia proporciona. Dedilhando minha guitarra contra e com o sem sentido do universo. Talvez de fora até pareça exagero. E foi nessa fase, de ficar encolhido, tadinho de mim, que a pedra me pareceu mais pesada. Dizer que a pedra é uma perda não é mero jogo de palavras quando se esta no meio do caminho e é seu dedão que leva a pancada. Aí é necessário perguntar “para que seguir carregando esse peso impossível?”, “Quem nos escondeu essa carga infinita?”, “Esse desejo nunca saciado?”, “Essa herança feita de angústia?”.

Ta bom, vai dizer que tô puto porque a Ana tá com aquele idiota engenheiro do Hawaïi, enquanto eu fico aqui com Maria Zilda numa *Vereda Tropical*, Lucélia Santos

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

gritando “negro, negro!” ou no lugar do Peréio, com a Sonia Braga em *Eu te Amo*. Cult? Cultivo o paradoxo. Não menospreze a minha decadência. Nesse jogo sozinho até a rainha dos baixinhos me fez feliz. A mão que afaga é a mesma que dedilha a guitarra.

Minha mãe achava que me ajudava me dando novas fitas para o Atari. Quem trocaria Ana por *Pac Man* e *Enduro*? Juntei meus cruzeiros e comprei um vinil novo do *The Wall* do *Pink Floyd* – o meu havia arranhado de tanto uso - só para ouvir *Mother* bem alto, no escuro, trancado no meu quarto. Nem preciso explicar o que a letra dizia. Afinal não era preciso construir qualquer muro, ele já existia e eu o preservava.

Numa dessas tardes de noite artificial o Alberto apareceu lá em casa. O cara achava a maior bobeira ficar encenando aquele drama. Não adiantava nada ficar preso naquela repetição, ouvindo Roger Waters e lendo Albert Camus como se fossem uma religião. Absurdo também era aquilo! Tudo bem, o capitalismo, o sistema, os vícios calculados... O cara pedagogizava recitando Zé Ramalho e contando com a ferrugem na engrenagem

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

deste jogo. É, o Alberto tava tentando me ajudar.

Ele queria saber das minhas canções. Se já tinha composto alguma coisa nova. Agora que as aulas iriam recomeçar, a gente podia conversar com o pessoal do DCE e fazer alguma coisa numa festa, um show. Não fiquei muito animado com a idéia, mas as aulas voltando em Dezembro... não sabia se era uma notícia boa. Pelos meus cálculos, iríamos ter que ficar metade de Janeiro ainda em sala de aula. Mas, enfim, não tava nem aí.

Alberto riu e meteu o dedo na ferida. Perguntou se tava daquele jeito por causa da Ana ainda; uma pergunta para a qual ele já tinha a resposta. A novidade é que ela tava namorando sério e parece que já ia morar com o carinha da engenharia. Que hora pra receber essa notícia! Se bem que, já que ta assim mesmo, vamos pra *Tocaia!* Bebi muito nesse dia e no seguinte também. Um pouco mais no terceiro dia. Quando voltando pra casa vomitei e sujei minha calça, meu *All star*; se eu também era uma estrela, porque não me deixavam brilhar? Me dei conta de que aquela encenação era uma forma de suicídio. O que que eu tava fazendo com minha vida?

Fé nenhuma

Quando as aulas voltaram fui com o Alberto conversar com o pessoal do DCE. Ele tava com uma camiseta do Pink Floyd e eu com uma do Rush. Não era uma boa opção de traje quando se vai se lidar com o núcleo engajado da universidade. Enfim, logo saberíamos disso.

Como sempre o pessoal estava jogando sinuca, bebendo e fumando escondido. Se bem que o lugar cheirava maconha. Sem problema, nosso lance era ver a coisa do show na festa que iam fazer quando as aulas acabassem. O presidente do DCE era um carinha da sociologia chamado Fernando. Ele estava na mesa de sinuca e continuou jogando enquanto conversava com a gente. Tinha uma galera por lá, umas gurias também, mas a única que eu conhecia era a Carol. Uma moreninha que estudava jornalismo. Já havíamos nos falado algumas vezes por ela ser amiga da namorada do Alberto.

O carinha do DCE achou bacana a idéia do show, mas perguntou meio irônico: “mas

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

vocês tocam, tipo, o que?”. O Alberto disse que tínhamos umas músicas próprias, mas pensávamos em fazer uns *covers* também de rock nacional. Alguém perguntou Paralamas, Barão, Raul. Uma menina já pontuou que adorava aquela música da moto dos Paralamas. Poxa, seria bom agradar a guria, mas explicamos que tínhamos um projeto mais performático, que queríamos apresentar canções antigas, uns iê-iê-iê do Erasmo Carlos, quem sabe uma versão de Teixeira ou Gaúcho da Fronteira. O Fernando finalmente deixou de lado a sinuca e olhou pra gente, mas com reprovação: “Que porra é essa? Quem que vai querer ouvir essa merda neolítica? Por essas camisetinhas aí logo saquei, um bando de escapista alienado!”. O Alberto viu que a coisa era um beco sem saída, aquele papo não ia em frente, “não é isso não, mas beleza, vamô embora”. Eu disse que não ia. Não ia deixar barato aquilo não. Perguntei se o Fernando por acaso conhecia alguma coisa do *Pink Floyd*, se já tinha ouvido *The Wall*. Chamar a gente de alienado por conta de camisetas era uma coisa ridícula. Ele disse que não conhecia e não queria conhecer. O lance é que não daria espaço para mariquinha da arquitetura que

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

não participa do movimento estudantil e depois fica querendo usar o palco do movimento engajado pra aparecer. Porra, fiquei puto, mas me segurei. O Fernando deu as costas, mas continuei o papo, mesmo com ele fingindo que não ouvia. Disse pro idiota que não acreditava mesmo nessa coisa de movimento estudantil, que o movimento deles era no máximo de tráfico de drogas. Os idiotas achavam que iriam fazer a revolução a partir do DCE. Pô, e quem era ele pra me chamar de burguês! Enquanto falava o clima ia esquentando, os outros caras me olhavam torto. O Alberto me pedia calma. “Não acredito em porra nenhuma dessa mesmo”. Desisti de provocar dei as costas e ia saindo, quando o Fernando gritou “Vai embora mesmo viadinho”. Parei, me virei em sua direção. Ele olhava pra os amigos ao seu lado, mas não pra que me pegassem, mas sim para que o segurassem: “Me segura senão quebro a cara desse idiota, me segura!”. Mostrei-lhe o pai-de-todos e, aí sim, fui embora. Situação ridícula, mas exagerei. Acabei errado, não devia ter dito aquilo.

Beijos Pra Torcida

Depois da aula, no ponto de ônibus a Carol me procurou. Fiquei sabendo depois que ela queria me parabenizar pela coragem. Mas não quis papo. Pedi desculpa, e lhe disse que tava chateado, não tava a fim de falar com ninguém. Só porque não torcíamos pela mesma banda de rock... Tinha algo errado naquilo.

Na verdade, não me reconhecia naquela bobagem toda. O Alberto havia reclamado comigo. A Melissa, namorada dele, achava que podíamos ter apanhado muito por eu ter bancado o galinzé enfezado. “Cheio de merda na cabeça mesmo!”, disse. Tinha mesmo me comportado como idiota e agora não iria me vangloriar por isso. Acabei entrando na pilha dos caras e não tinha orgulho de nada daquilo. Não dei papo pra menina. Como se a gente pudesse celebrar a violência como um lugar-comum.

Todo Mundo é uma Ilha

“Menos é chato”, disse o Alberto, citando Robert Venturi para justificar mais uma cerveja. Diante desse argumento de autoridade não tive opção senão acompanhar. Continuava baita chateado, mas bah... aniversário da namorada do cara, estava uma galera na mesa, que a essas horas já havia debandado. Sobrevivemos o Alberto, a Melissa, sua namorada e eu. Mas a Carol que havia saído com uma prima acabava de voltar. Agora se sentou perto de mim e começou a puxar papo, comentou a história do DCE e disse ter achado bem bacana o jeito que me comentei, mesmo quando não quis conversar depois. Ela entendeu e achou “tri legal”. Me explicou que a namorada do Fernando havia o trocado por um cara da Engenharia... e como ele não fazia distinção entre engenheiros e arquitetos, transferiu a antipatia. No fundo, por trás das ideologias há sempre algum ressentimento incomunicável. Somos como ilhas.

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

Eu tava de bode ainda por conta da Ana, e acho que não estava muito sóbrio. Ou eu achava que tava de bode por causa da Ana e tava bêbado. Sei que a Carol me fez rir, o que criou entre a gente alguns silêncios cheios de reticências com a esquiva do olhar. A tal da cerveja chegou e a Carol, que ainda não havia bebido, pediu um copo. Comentei que achava legal ela beber pouco, que ela sabia se cuidar, que mulher geralmente é mais fraca com bebida... o que despertou um sorriso na Melissa e o esclarecimento do Alberto, “Bah, tu não conhece essa guria! Vá-la aposta com ela se tu ta se achando. Vê se consegue virar o copo mais vezes que ela”. A Melissa ainda fez uma leve repreensão ao Alberto, o que seria o mote para deixar de lado aquela história, mas eu topei a aposta.

Três copos depois a bebida já me causava repulsa e a Carol ria de minha situação. Mal sinal. O que seria o quarto copo na minha frente. As poucas pessoas no bar e os garçons acompanhavam meu drama. Poxa, olhando para aquele copo cheguei a um *cogito* surreal, ele serviu de gênio maligno. A dúvida quanto aquela situação toda me fazia ficar mais tonto. Ainda não acreditava que a Ana

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

estava mesmo fora do meu alcance; será que ela havia pensado no que estava decidindo pra sua vida? Será que ela pensava (em mim)? Bobagem. E Carol ali. Por demais surreal aquilo tudo, deveria ser um sonho estranho.

Com meu vacilo diante do copo começou a rolar uma pressão. “Bebe logo”, “Deu pra ti, a guria te derrubou”, “Vai logo”. Não fazia sentido. Me levantei erguendo a mão para indicar minha desistência. Nada tão simples assim, já que me levantar não era uma tarefa tão fácil, mas consegui sair e fui direto ao banheiro. O pessoal aproveitou pra fazer um coro simpático de “viadinho, viadinho...”. Enquanto isso a Carol tomava em um gole aquele copo que havia me servido de bola de cristal. Na volta do banheiro me saudaram com um “vomitou, vomitou...”. Nem adiantava dizer que não era verdade. Adiantaria?

Chato perceber que todos estavam preocupados comigo. Já que tínhamos que voltar caminhando para casa, fomos todos juntos. Morávamos no mesmo bairro, embora não soubesse onde era a casa da Carol. No caminho ela me abraçou pra “espantar o frio”. A Melissa riu, o Alberto também. Perguntei do que estavam rindo, “Bah, a

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

gente não disse nada!”. Até que o casal “decidiu” que deviam seguir por outro caminho. O Alberto perguntou se eu podia levar a Carol para casa, eu respondi com um sim soluçante. Quando se despedia da Carol ele lhe disse. “Derrubou, agora tem que cuidar!”. Tava certo, na verdade foi ela que teve que me levar pra casa primeiro. Bêbado, conversando demais, coisas sem sentido, pedindo desculpas, que não me levasse a mal, aquilo não podia dar certo, um labirinto, a Ana, ria de mim mesmo. Já perto da minha casa a gente parou, ela colocou a mão sobre os meus lábios e pediu silêncio.

Longe Demais das Capitais

A Carol era descendente de alemães. Minha família misturava judeus poloneses e italianos. Essa origem faz com que as comunidades criem certas “ilhas” onde os imigrantes mantêm parte de sua tradição e os mais velhos podem trocar algumas palavras em sua língua natal. Foi num desses encontros que passei o fim de semana exilado, depois da noite do “viadinho” com a Carol. Fácil ser existencialista nessas condições em que fomos jogados! A maioria fugiu da Segunda Guerra. Agora havia a ameaça de guerra atômica, bombas nucleares que podiam destruir o mundo muitas vezes, ou seja, não havia mais onde se refugiar. Pensava na Carol, de alguma forma ela tinha me salvado. Nossos sobrenomes juntos tinham todas as consoantes do alfabeto... mas eu tava bêbado e (achava que) gostava da Ana. O Alberto sacaneava: “Coisa de viadinho isso!”. Mas era difícil assim de entender?

Sweet Begônia

Ela deveria ter sino nos pés. Assim eu poderia me preparar pra lhe encontrar. Tinha decidido que seria legal continuar com a Carol. O Alberto foi que me convenceu na verdade. Quando encontrei a guria na faculdade, de repente, não estava preparado. Ela estava com um sorriso enorme ao me ver. Eu disse que a gente precisava conversar, concordou me abraçando.

Poxa, não esperava que ela tivesse assim, tão afim de mim. Me assustei um pouco. Sentamos num banco numa área verde mais afastada que o pessoal chamava por vários nomes, o mais ameno era namorodromo. Ela foi logo me beijando e eu correspondi, mas com estranhamento. Até que insisti dizendo que precisávamos mesmo conversar. “Tudo bem”, ela sorriu. “Acho que não rola a gente continuar junto sabe...”, expliquei que gostava da Ana, que tava bêbado aquele dia e que não queria ser falso. Ela ficou arrasada, me disse que eu era louco! Foi embora com passos rápidos e uma das mãos cobrindo os olhos.

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

Três dias depois eu já tava arrependido. O Alberto grilado comigo. A Melissa idem. Falei que queria conversar com a Carol de novo. Pedi desculpa pra ela, perguntei se queria ficar comigo novamente. Tentei lhe dar um abraço, ela se esquivou. Dessa vez a guria me detonou, dizendo que eu tava me achando demais, que não era mais do que um fracassado que gostava dessa condição. Falou ainda que se gostava da Ana, tudo bem, problema meu. Tentei falar alguma coisa, mas a Carol me deu as costas e foi embora calmamente. Ela devia estar sorrindo.

.

Nada a ver

No fim de semana liguei pro Alberto e ele não estava ou não quis atender. Sozinho em casa. Tudo muito chato. Fiquei pensando na Carol. Poxa, não tava conseguindo entender. Fiz tudo errado.

Tá bom, to encenado meu drama. Pop como *Duran Duran*, mas com as letras de Roger Waters ou Bob Dylan! Bem, ao menos era isso que eu queria. Fiquei bem mal por causa da Carol. Mas na semana seguinte ela me tirou do castigo. A gente ficou na terça, mas no dia seguinte ela passou por mim e não deu atenção. No fim de semana, saímos juntos no sábado, no domingo nem ela nem eu telefonamos.

Ai eu ficava chateado e não sabia se assim valia a pena. Mas depois nos encontrávamos novamente e era legal. Quando ela desaparecia, eu ficava puto. Lógico que a guria sorria disso tudo. Devia estar me castigando.

Crônica

Depois de um mês naquele jogo de vai e vem, resolvi que me afastaria da Carol. Daquele jeito a coisa não tava sendo legal. O jeito era tentar esquecer, mudar um pouco as coisas. Mas não dava pra contar com o Alberto nessa decisão. Tinha mesmo é que ficar sozinho em casa. Na verdade nesse tédio, chateado, eu ficava um porre. Acabei descontando na minha mãe. Discutimos e lhe dei uma má resposta por uma bobeira que nem faz sentido explicar. Quando foi anoitecendo a pedra de Sísifo foi ficando mais pesada pra mim. Pensando na Carol, em como conquistá-la, se deveria conquistá-la, se valia lutar por ela... a ideia de conquista me pareceu meio vazia. Anexá-la ao meu mundo, prendê-la seria uma forma de possuir ou de sufocar. Meu jeito de gostar era aprendido de filmes americanos, ou seja, imperialista e egoísta. Haveria outro jeito?

Quando a noite tomou conta de tudo, saí um pouco pra não fazer nada. As ruas estavam vazias e fazia frio. Continuava naquela, pensando em lutar ou não para

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

conseguir meu objetivo. Relembrando as táticas que havia visto em filmes de guerra, que, nessa caminhada, se embaralhavam com canções de amor.

Eu devia ser mais pós-moderno! Deixar a coisa fluir sem me apegar. Que nada! Só os rótulos mudam... porém, mudar os rótulos é importante. Entre a Ana e a Carol, toda uma travessia. Aprender a gostar e conviver com o outro sem tentar destruir é mesmo complicado.

Sopa de Letrinhas

Fui conversar com o Alberto. Ele achava que tanto eu quanto a Carol precisávamos baixar a guarda. Mas como fazer isso? “Ora guri, seja mais romântico, admita o que tu sentes, diz pra ela cara...”. É, acho que tinha mesmo que admitir o óbvio, nesse jogo de idas e vindas parecia agora haver uma distância maior. Mas como ser mais romântico? Apesar de gostar de Camus e de Moacir Scliar literatura não era o meu forte. Ainda mais quando se tratava de “ser romântico”. Não sabia como fazer aquilo. Tomei a coisa ao pé da letra e tratei de ler alguns poemas românticos, na verdade do romantismo. Pensei que eram mais originais. Me identifiquei com um poema chamado “As palavras” de Fagundes Varela. Era bem emotivo, pensei que ela iria gostar. Ainda mais pela referência erudita: fui para a biblioteca pesquisar isso!

Pedi pra Melissa entregar uma carta minha pra Carol. Nela coloquei o poema e acrescentei algumas palavras, dizendo que não queria perdê-la, pedindo pra que

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

conversássemos. Minha “carteira sentimental” me entregou a resposta da Carol quando estava no ponto de ônibus, voltando para casa. Li logo o que ela escreveu “Como você é romântico! Não sabia que você era assim! Desenterrou o Fagundes Varela. Pois te respondo também com um poema, desta vez de Drummond, chamado “Sentimental”. Mas depois me liga pra dizer o que achou dele... e pra que a gente converse. Beijo.”.

É, minha tentativa de ser romântico havia sido relativamente bem sucedida. No poema que a Carol me mandou o Drummond satirizava aquele “As Palavras” de Varela colocando alguém tentando escrever o nome da amada com as letras de macarrão de sua sopa. Nesse jogo romântico a sopa vai esfriando e ganhando escamas. Seria mesmo muito complicado se nós tentássemos escrever nossos sobrenomes com letras de macarrão: faltariam consoantes.

Quando liguei a Carol queria saber de onde eu havia tirado aquele poema do Varela. Fiquei meio com vergonha, mas lhe falei sobre meu passeio pela biblioteca. Ah, a guria havia gostado e com certeza estava conversando comigo com um sorriso no rosto. Queria saber mais sobre como eu

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)

definiria aquele “amor” que minha carta anunciava. “Meio pós-moderno”, respondi. Pra ela era mais gótico, até mesmo medieval. Ficamos brincando de tentar achar essa definição, ao mesmo tempo em que, nesse jogo, aprendíamos que o que havia entre a gente tinha a ver com aquela palavra. Talvez juntos pudéssemos inventar um novo significado para aquele termo, que não fosse aquele jogo de poder, de conquistar e encarcerar o outro. Combinamos de nos encontrar. Antes de desligar ela me disse que me amava. Respondi com as mesmas palavras tão estranhas.

Quando a gente dá um passo para trás e observa as coisas que faz, quando a gente fica tentando fazer teoria, tudo parece sem sentido, absurdo. Mas a gente não precisa fazer (sempre) isso. Viver pode ser talvez (mais) simples? Por telefone, a distância, perfeita simetria... Será que quando encontrasse a Carol seria a mesma coisa?

Toda forma de poder

Marcos Carvalho Lopes (marcosclopes@gmail.com)



Crédito:

Imagem da capa e desta página: An unknown Orthoptera on a shoe in [Fort Custer Recreation Area](http://www.fort-custer.com/recreation-area/). Autor: [IvanTortuga](http://www.fort-custer.com/recreation-area/). Disponível em http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/7/7d/Converse_Orthoptera.JPG. Consultado em 26/01/2011. A utilização deste arquivo é regulada nos termos da licença [Creative Commons Atribuição-Partilha nos Termos da Mesma Licença 3.0 Unported](http://creativecommons.org/licenses/by/3.0/).